

SEÇÃO ARTÍSTICA – DOR, OBJETO PERFURO-CORTANTE: HIPERMETROPIA DE UMA COSTURA

Thais Villar¹

“A dor é tanta, ela sufoca, está sem ar. A dor precisa de espaço.” (DURAS, 1986, p. 12)

Escrita que recorta; deixa na coxia parte da companhia de teatro. Muitos são os figurinos, adereços e discursos. Que haja Arte, suficiente, para o sombreado pelas cortinas rubras.

A dor, uma atriz?

No palco da histeria, a dor se faz protagonista. A permanência no personagem se dá quando a dor se recusa a sair de cena, a qualquer custo, em qualquer tempo, sob qualquer égide. Um absolutismo monárquico de heranças que inventário nenhum faz partilha, e a dor se consigna em espólio eterno e indivisível, colado ao sujeito que lhe concede existência. Chega um tempo em que nem platéia mais importa. Aplausos tornam-se despiciendos, mas, ainda que bem vindos. “*Sofra!; Goze!*”. O imperativo de uma ordem difícil de não se escutar, de tão alta que grita, ainda que, *a contrario sensu*, seja por demais doloroso escutá-la. O que dói machuca numa potência tão intensa que se cristaliza em gozo, qual cláusula pétrea constituinte, que faz Lei, porém autoritária o bastante para não cogitar deslocamentos. *Cogito ergo sum*. Na letra de uma existência codificada com austeridade, o que é estanque não desliza: veda e veta. Na normativa que preconiza que da dor e da delícia de ser o que é pressupõe saber cada sujeito, o que fazer quando a própria dor o engole e assume a direção do espetáculo?

“Escrever. Não posso. Ninguém pode. É preciso dizer: não podemos. E escrevemos.”
(DURAS, 2021, p. 63)

¹ Advogada, pós graduada em direitos humanos, escritora, curiosa da psicanálise e amante da arte.

Dor, narrativa de inscrições, rebobinadas num filme com rolo deteriorado em ponto emblemático. Não se resolve a trama nem o trauma. A dor é cartorária: lavra, averba, escritura, atesta e certifica. É sábia para afirmar que, só através dela, poderá o sujeito fazer a travessia da analgesia, para não negar a rima. No palco da dor dificilmente se é tão somente expectador, seja dor de si, dor do outro, dor de *um* Outro.

No silêncio da norma e na lacuna da lei, emendas constitucionais sancionam o gozo por vigência indeterminada. Ser refém da dor faz rodar a película repetida. O episódio não elaborado dá ensejo à uma adição. O resultado é a matemática que soma, da ordem toxicômana que implora por mais e mais.

E mais um pouco. E mais ainda. *Encore*.

“Que eu saiba, eu não fiz concessões.” (LISPECTOR, 1971)

É plausível se avistar, na constituição de cada sujeito, a base de uma fundamentação que possa validar o direito de reeditar a dor pelo gozo da repetição. Um *élan* que não cessa de pedir *bis* e novas temporadas. Série interminável da dor ensimesmada, cujo argumento elide resignificação. Qual monólogo de único ato, com uma única atriz (no viés de *um* feminino perfurado), sem intervalos: a cena captura. A maquiagem não é translúcida, tampouco perceptível onde termina e o que é da cor da pele. “*Quero ficar no teu corpo feito tatuagem(...) / Quero ser a cicatriz risonha e corrosiva(...)*” (BUARQUE, 1973). Talvez se ocupe o gozo de inviabilizar a possibilidade de curativo, para o machucado que não cicatriza. A ferida em carne viva ou a fratura exposta denunciam que nada amortiza a dor financiada em parcelas a perder de vista. Facilidade para quitar, inclusive, com o próprio corpo. Este, distante de um gênero, mas inebriado com um *prêt à porter* sob medida! Alta costura?

Dor dissociada do prazer, mas coadjuvante do gozo monetizado. O mercado do gozo é superfaturado e movimentada a bolsa dos valores que o corporificam. O significante lucro opera em alta, e tempo é dinheiro para quem não admite perdas. Numa costura bem

executada, o gozo histérico, ambientado em cenário capitalista, torna possível a amortização da dor, ao tempo da fragmentação da subjetividade. Crédito fácil e rápido é o que se vislumbra dessa operação. Dela se faz semblante, pois nem sempre é fácil olhar. Miopias, astigmatismos e hipermetropias, não importa a distância do objeto, a lente subjetiva está desfocada. Ou perto demais para ver. *Closer*.

Na mesma equação, em moeda ambivalente, a métrica da produção é fantasiada no sentido de um gozo acessível às mãos, posicionado ao alcance do olho que não cessa de enxergar. Tempo de ver. Tempo de enxergar. Tempo de agir. E haja tempo de atuar em quimeras de aplaudir.

Errância, deve-ras.

Eras-tês.

Eros?

Eros tantos eus...

Erros?

Tanto enredos de cegueira quanto os de hipervisão se coadunam com o sujeito de verbos e predicados doloridos, dolorosos ou indolores, que, supondo-se saber, não sabe. Nem sabe fazer. Um *savoir-faire* - sabido ou não - que não se instaura e não faz barra ao fundamentalismo de um gozo que perfura incisivamente, machuca e corrói, mas ao qual não se alcança a nota – de corte. Apesar do grito estridente, nada estanca. Tudo jorra do osso da dor para o gozo sem bandagem, sem açúcar e sem afeto.

Em sede de dor, quem tem analgésico é rei.

A dor, ao som de um remix de gozo, se insinua com lascívia, emerge, cola ou se dissipa, na justaposta maneira do manequim à disposição de sua altivez.

Essa dor que perfura corpos, sutis ou não, com alma ou desalmados, que verte do inconsciente ameaça-dor, por vezes faz um buraco tão difícil de preencher, que admite equivalente assoreamento que quase a eterniza. Ser um cativo do gozo, para além de ser um caminho, caso da adoção da dor como modo de vida, faz valer o enunciado de que, em não havendo revogação, vale o tributo anteriormente instituído. Pagamento contínuo como *modus operandi*.

“finge tão completamente que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente.”
(PESSOA, 1932)

Não há certeza para nada, quiçá de que é no silêncio ou no barulho que a dor se resolve. A proposta de convivência com o sintoma repercute como hipótese factível para os que desconfiam do mágico, do universal e do infalível. Na dúvida acerca de teoremas totalitários, a inquietação aparece, e nem sempre ratifica o texto previamente decorado. Estar sob os holofotes dos olhares alheios, não declamar o poema aguardado e arriscar um improviso, requer a coragem dos artistas de rua. Saber-se nu por detrás das coxias ou ao abrir das cortinas; bem olhar que não há platéia alguma, a não ser a própria, e que é essa que importa, é revela-dor. Tem bilheteria que não vale mesmo a pena.

Opera-se então um corte, que não fragmenta, mas ao revés, recompõe, repagina. A página virada, a turnê encerrada ou a claquete de final de filme, convocam talvez um Sujeito Suposto Saber na direção de arte, que determina o final, ou, para bem dizer, o luto.

Para nascer é necessário morrer, muito ou pouco, mas a bagagem não comporta tudo, nem dá conta do nada. Não é caso de preencher as crateras todas do asfalto errático percorrido, todavia também não é questão de esvaziar todos os pneus do caminhão outrora carregado. Não faz sentido: *non sense*. Pelo menos não há garantia de resultado ou devolução do seu dinheiro de volta. A dimensão trans-formadora do sujeito se dá na

convivência (e não convivência) com o sintoma gerador, ao fazer frente ao gozo e quem sabe até, inserir o prazer no elenco. Com invenção.

Ou não.

Do recalque à condução coercitiva: a emergência da dor.

Dor e gozo podem constituir um quase amálgama, um casamento que pode ser duradouro e ensejar um divórcio complicado. A memória da dor suscita um resto de algo, sobressalto, uma presença-ausência, como um membro amputado que ainda gera sensações. No retorno ao recalcado, há um objeto que olha e é olhado, que aparece num relampejo, um *je ne sais quoi*, fugaz como um chiste, um ato falho ou um sonho. É este resto que, talvez, em sendo apreendido, possa livrar solto, dar salvo conduto e voz ao que na linguagem se estrutura. Como um *habeas corpus* que dá liberdade, palavra, fala, seja no muxoxo, murmúrio, *lalangue*, grito, canto, bem ou maldito dizer - na língua aqui de Camões ou Caetano - pode conferir existência.

Potência para o passe em travessia, como também alcançar a compreensão do trauma, um quê de romaria da alma, da fenda, do não-todo, do quase (*almost*), até bordejar a falta que namora o desejo. A navalha na carne, portanto, surge ironicamente como o instrumento perfuro-cortante que sutura. A incisão que promove a cura, talvez?

Trans-torno: compartilhamento da histeria via *wi-fi*.

Tornar, retornar, para transformar. Transitar e conferir o tráfego do mal estar é da ordem do dia em tempos *on* e *off-line*, onde o sintoma histórico se reconfigura. Na rede, todos, ou quase todos, dizem ou têm algo a dizer, especialmente sobre o que falta – no outro e ao outro. A falta é muita para um desejo pouco, e o alimento que se busca não nutre, porque se esvai, evanescente como “*tudo que é sólido desmancha no ar*” (BERMAN, 2007). Vacância de lei que reverbera em vacuidade de subjetividade, onde o *habitat* para o sintoma ganha locus certo e entrega a domicílio. Uma avaliação

maniqueísta, no entanto, permite compreender que “há o lado bom da coisa”, aliás, os lados são múltiplos e infinitos, inclusive, no que tange ao manejo para se dançar conforme a música sem pisar nos próprios pés ou do(s) *partner(s)*. Há certa democracia na rede, de forma que o que exclui também inclui e vice versa, e a linguagem ganha mecanismos, emissores e receptores. Nesse cenário, nem sempre melodioso, e que não é de teatro ou cinema ou coisa que o valha, o sofrimento é hediondo e convoca a um debruçar ainda mais pertinente sobre o Discurso da Histérica, de Lacan. Sobre o artifício e artimanha da Arte. O desafio se encaminha em captar para compreender e ir além, refletir sobre possibilidades e impossibilidades. A histeria arranca do trono a saga da completude, o absolutismo da inteireza é decapitado - reflexão que o consumo não tolera - mas tenta tamponar. O rei está morto e a rainha manda que comam brioques, uma maluquez paira sobre a monarquia dos afetos, o tabuleiro de xadrez é enigma, não se resolve num xeque mate e a partida é extensa; mas poucos desejam sair do jogo, cuja raiz quadrada é o amódio. Que vença o melhor, o que está fora de competição: *ours concours*.

Não há eleição, suplência, indulgência ou docência suficientemente didática, que enumere, com sucesso, o passo a passo da lição da felicidade plena. O fracasso marca presença e lembra que está no páreo, como sempre esteve, e desafia algoritmos. O flagrante, captado inclusive por *prints* e *flashes*, revela, no negativo de cada fotografia interna, de que falta, falta ainda, falta um pouco mais. Talvez falte falar que sempre irá faltar. O *Isso* do que se faz silêncio ou do que quase não se fala, está vivo e vívido, impertinente e atroz. O sofrimento mental atual não é *fake*, nem está de *make*. Faz barulho e escuta quem o deseja escutar. Tá exposto para quem estiver disposto a enxergar. Ou, ao menos, colocar, em si próprio, um par de óculos. Lupas. Luneta.

“*Passado, presente, participo sendo o Mistério do Planeta*”. (NOVOS BAIANOS, 1973).

Referências:

BAUDRILLARD, Jean *et al.* **Metamorfoses da Cultura Contemporânea**. Orgs. Fernando Schuler, Juremir Machado da Silva. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006, 176 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, 190 p.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução: Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. 5a reimpressão. Companhia de Bolso: 2007, 472 p.

BUARQUE, Chico. **MPB Especial com Chico Buarque**: entrevista à TV Cultura, 22/07/1973, vídeo, disponível em <https://youtu.be/xFp2TxZQzQk>, canal Programa Ensaio. (53 min 39 s). Acesso em 30 set 2022.

CLOSER - perto demais. Direção: Mike Nichols. Produção: Cary Brokaw e John Calley. USA / Reino Unido: Estúdio SPI International, 2005. (104 min). Filme. Disponível via plataforma de *streaming*: Amazon Prime. HD. Color.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2013, 112 p.

DUNKER, Christian. **Reinvenção da intimidade**: políticas do sofrimento cotidiano. 2a reimpressão. São Paulo: Ubu Editora, 2017, 320 p.

DURAS, Marguerite. **A Dor**. Tradução: Vera Adami. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, 206 p.

DURAS, Marguerite. **Escrever**. Tradução: Luciene Guimarães de Oliveira. 1. ed. Belo Horizonte: Relicário, 2021, 144 p. (Coleção Marguerite Duras).

LACAN, Jacques. **Encore**. (1972-1973). Tradução: Analucia Teixeira Ribeiro. Edição não comercial destinada exclusivamente aos membros da Escola Letra Freudiana. Rio de Janeiro, 2010, 277 p.

LACAN, Jacques. **O Seminário**: o avesso da psicanálise - livro 17. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. O Campo Freudiano no Brasil. Versão brasileira de Ari Roitman. Consultor: Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, 210 p. (Coleção dirigida por Jacques-Alain Miller e Judith Miller).

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, 87 p.

LISPECTOR, Clarice. **Entrevista ao programa "Panorama"**, TV Cultura, entrevistador Júlio Lerner, 01/02/1977, vídeo, disponível em <https://youtu.be/ohHP112EVnU>. (28 min 32 s). Acesso em 30 set 2022.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, 154 p.

NOVOS BAIANOS. **Mistério do Planeta**. [S.L.: s.n.], [1973], Disponível em <https://youtu.be/WWfseMcAUZY>, vídeo, [extraído do filme NOVOS BAIANOS FUTEBOL CLUBE], canal mostratocaraul. (4 min 39 s). Acesso em 30 set 2022.

NOVOS BAIANOS. **Programa Ensaio 1973** (Na Íntegra). [MPB Especial - Memória Viva - TV Cultura - São Paulo - Série Musical - Brasil - 1973], Disponível em <https://youtu.be/IHqISCQXYIo>, vídeo, canal guitarrabrazuca. (57 min 44s). Acesso em 30 set 2022.

PESSOA, Fernando. Autopsicografia. Poema. [S.L.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/typographia/textos/arquivopessoa-4234.pdf>. Acesso em 30 set. 2022.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. 31a. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, 310 p.